

PLANETA TERRA, MUNDO SE PARTINDO, TEIA DE ARANHA E UMA REDE JOGADA NO MAR¹

Willian Sartor Preve

Acadêmico do curso de Geografia, Udesc
williansartor@gmail.com

Ana Maria Hoepers Preve

Professora no Departamento de Geografia, Udesc.
anamariapreve@gmail.com

Considerações iniciais

Na investigação de imagens e termos recorrentes acerca da Globalização, em duas coleções de livros didáticos² do Ensino Médio, trabalhamos com a noção de imagens clichês da Globalização. Esse estudo mostrou, mais uma vez, que estamos permeados, sobretudo, por dois estereótipos imagéticos: aquele das imagens de satélite que apresentam a Terra conectada por cabos e linhas que constituem os principais fluxos de transporte global (Figura 1), e aquele que apresenta o globo terrestre coberto pelos logotipos das maiores transnacionais (Figura 2). Além destas imagens, selecionamos mais duas que, no conjunto, experimentamos com três grupos de contextos e níveis de escolarização diferenciados.

Decididos a levar essas imagens ao esgotamento de suas possibilidades, retiramos cada uma delas das molduras que as enquadravam nos livros didáticos. Nesse contexto, os títulos e as legendas fazem destas imagens veículos para ilustrar e informar uma realidade dada. Dessa forma, há uma diminuição de suas potências, pois a linguagem das imagens não tem somente o intuito de comunicar, mas sobretudo é um mecanismo criador de realidades (OLIVEIRA JR; GIRARDI, 2011). Com o propósito de esgotá-las, deslocamos as quatro imagens para uma escola, um Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico³ e um pequeno grupo de idosos⁴ no sul de Santa Catarina.

Estes três encontros tinham em comum a presença das mesmas imagens, olhadas sempre na mesma sequência, com legendas e títulos cobertos. Na tentativa de descontextualizá-las, os participantes apenas sabiam que elas tinham a ver com a Geografia. Com os alunos da Escola de Educação Básica Simão José Hess, essa proposição fazia parte de um quadro maior de atividades, para as quais dispúnhamos de *datashow*, *laptop*, alguns *slides* com tópicos a desenvolver, trechos do filme *Eis os delírios do mundo conectado* (2016), caixas de som, folhas em branco e um novelo de barbante.

Com os pacientes internos do HCTP, tínhamos as imagens impressas, folhas em branco, revistas, jornais, lápis para colorir, tesouras, canetas e também o novelo de

¹ O presente trabalho é resultado das investigações realizadas do Projeto de Pesquisa intitulado “O que pode a cartografia e a geografia? Investigações e invenções em educação”, vinculado ao Laboratório de Estudos e Pesquisas de Educação em Geografia (LEPEGEO).

² Resultados da primeira parte desta pesquisa foram apresentados no artigo intitulado “Imagens da globalização em livros didáticos de geografia: Imagens que podem mais”, aceito pela *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, com previsão de publicação em dezembro de 2017.

³ O Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP) de Florianópolis é um dos locais onde o grupo Geografias de Experiência, do LEPEGEO, desenvolve atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão.

⁴ Este encontro com um pequeno grupo de idosos reflete um interesse futuro de com eles também desenvolver oficinas em Geografia.

barbante. Com este último grupo realizamos apenas uma oficina. Por sua vez, com os idosos, o arranjo era outro, pois se tratava de conversas/entrevistas, um total de sete, que foram realizadas nas suas casas, em um ambiente acolhedor. Todos os entrevistados habitam um município de aproximadamente 7 mil habitantes, localizado no sul de Santa Catarina, há cerca de 165 km da capital do Estado. Além das imagens impressas, tínhamos um caderno de anotações, caneta e celular com função de gravar.

Além de iniciarmos com a apresentação destas imagens, que olhávamos juntos e sempre na sequência, uma mesma pergunta foi feita aos participantes das entrevistas e oficinas, e deveria ser respondida para cada uma das quatro imagens: *O que você vê quando olha para essa imagem?* Seguido dessa instrução, falamos mais algumas palavras sobre esse modo de ver e das possibilidades que cada um carrega quando olha uma imagem.

Neste trabalho, apostamos na ideia de que as imagens e palavras, ao se repetirem exaustivamente, constroem imaginações geográficas, como aquelas que evocam uma ideia de espaço livre e sem limites. Como nos aponta Oliveira Jr, quando questionado acerca das imagens na Geografia Escolar, a sensação de realidade pode se instalar por uma espécie de *dejá vu*, resultado da constante repetição das mesmas imagens e dos mesmos conteúdos (FERRAZ; NOVAES, 2015).

Da noção de oficina e sua potência de esgotar

Deleuze (2005) desenvolve o conceito de esgotamento a partir da leitura das peças de Samuel Beckett, escritor e novelista irlandês de meados do século XX, distinguindo, para isso, cansaço e esgotamento. Para o autor,

O esgotado é muito mais do que o cansado. Não é apenas cansaço, não estou mais apenas cansado, apesar da subida. [...] O cansado apenas esgotou a realização, enquanto o esgotado esgota todo o possível. [...] [no esgotamento] combinam-se variáveis de uma situação, sob a condição de renunciar a qualquer ordem de preferência e a qualquer organização em torno de um objetivo, a qualquer significação (DELEUZE, 2005, p. 229-230).

Uma das formas de esgotar o possível é pela *Língua de nomes* ou *Língua I*, como denominou Deleuze, através da formação exaustiva de séries de coisas ou de palavras. Utiliza-se a combinatória para esgotar o possível através de palavras, criando uma realidade. Contudo, não basta esgotar o possível através das palavras, pois é necessário remeter aos outros que as pronunciam. Na *Língua II*, a das vozes, procede-se por fluxos que se misturam, pois quando as palavras são esgotadas, é necessário passar às vozes. Como afirma o autor: “Os outros são mundos possíveis, aos quais as vozes conferem uma realidade sempre variável, conforme a força que elas tem [...]”. Estas vozes estão geralmente carregadas de lembranças, por vezes insuportáveis, de companhias desejáveis ou não (DELEUZE, 2005, p. 237).

Há ainda uma *Língua III*, que remete as imagens, desde que liberadas da prisão em que as duas outras línguas a mantêm, da imagem pura, sem carregar lembranças. Deleuze (2005, p. 240) ainda pergunta: “[...] podem elas ter outra finalidade, ainda que o conteúdo da imagem seja bastante pobre, bastante medíocre?”

É que a imagem não se define pelo sublime do seu conteúdo, mas por sua forma, isto é, por sua ‘tensão interna’, ou pela força que ela mobiliza para produzir o vazio ou fazer buracos, afrouxar o torniquete

das palavras, secar a ressudação das vozes, para se desprender da memória e da razão, pequena imagem alógica, amnésica [...] A imagem não é um objeto, mas um 'processo'. Não se sabe a potência de tais imagens, por mais simples que sejam do ponto de vista do objeto (DELEUZE, 2005, p. 241).

A imagem, nessa perspectiva, é quando vemos para além do que está dado, portanto, o que importa não é o conteúdo, mas a energia que se consegue capturar, e sendo uma energia dissipadora está pronta a dispersar-se. Isso faz com que elas não durem muito tempo, somente o instante de nosso prazer.

Nossas imagens proliferaram em palavras soltas, frases longas e vozes carregadas de lembranças. Nesse entendimento, trabalhávamos primeiramente com a imagem em si, com a ausência das cadeias de palavras em suas legendas e títulos. Para colocar nossa questão em movimento lançamos mão das oficinas e de uma noção de experiência.

A experiência é algo “que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. [...]” (LAROSSA, 2014, p. 18). O excesso de informação, de opinião, de trabalho, a falta de tempo e o contínuo aceleração das atividades que desempenhamos, são inimigos da experiência, já que ela requer “um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar [...]” (LAROSSA, 2014, p. 25).

Podemos acrescentar ainda que, segundo Larossa, o sujeito que se dispõe a experimentar se expõe ao desconhecido, pois aquele que se abre ao novo não poderá permanecer sempre seguro de si mesmo, mas estará em formação e transformação, levando consigo uma carga de vulnerabilidade e perigo. Nessa linha, Godoy (2013) nos fala que parece haver na Geografia um impulso de trazer algo novo ao mundo, não se limitando a descrever o já visto ou fornecendo localizações do já existente. O novo é aquilo que ainda se desconhece. Dessa forma, podem surgir surpresas ao realizar o mesmo questionamento nas diversas situações nas quais as imagens foram deslocadas.

Essas oficinas e conversas/entrevistas ofereceram oportunidades para as pessoas dizerem a sua palavra sobre o tema, trazendo à tona as vivências de cada participante, como nos diz Corrêa (2000). Essas atividades, conforme indica Larossa (2014), como “considerar as palavras, criticar as palavras, eleger as palavras, [...] inventar palavras, jogar com palavras[...] não são atividades ocas ou vazias”. Nelas, damos sentido ao que somos e àquilo que vemos, pois quando olhamos para uma imagem vemos nós mesmos.

O tema escolhido para essas experimentações parte do interesse e da curiosidade dos proponentes em estudá-lo. Segundo Corrêa (2000, p. 153), assim se justifica o início de uma oficina:

Os fios que o oficineiro empresta a essa trama são, no final das contas, ele mesmo, ou seja, o tema e as estratégias que usa são ligados muito mais ao que ele gosta, a algo que tenha importância existencial [...] Tais fios devem sair dele como saem os da aranha: fios que são resultado do que come, da caçada que empreende diariamente e não de adereços que o seu poder de compra permite adquirir no mercado.

Para criar estas estratégias em Educação, ainda segundo Corrêa (2000), é necessário que se percorra algumas etapas, a saber: decisão sobre o tema de estudo, coleção de todo o material possível sobre o tema, estudo e, por fim, o desenvolvimento de estratégias para dizer sobre o tema.

O que se vê quando olha

Elaboramos um arranjo que procurou mostrar a repetição de determinados padrões de respostas dadas pelos participantes, bem como suas variações, cuidando para não destacar demasiadamente algumas palavras e falas em termos de quantidade. Os alunos trouxeram suas falas por escrito, palavras ou frases, já os idosos e os pacientes internos, em forma de fala, que foram gravadas e transcritas. Gostaríamos de enfatizar a difícil tarefa de lidar com o que se vê quando se olha, já que o leitor irá se deparar, nesta seção, com blocos de respostas para cada grupo de participantes, sendo que dentro do mesmo parágrafo os pontos e vírgula separam uma fala de outra.



Figura 1⁵

Escola

Quando olhávamos para a primeira imagem, com a legenda tapada, sempre tínhamos poucos elementos para dizer dela. Dava para ver a expressão de dúvida nos rostos de alguns alunos. Assim começava a oficina, já no primeiro minuto. Parecia que estávamos caindo de paraquedas no mundo:

Eu vejo o mundo; Continentes; Terra; Planeta Terra; Um planeta que sofre atualmente; Mapa-múndi; Mapa do mundo; Um mapa do mundo sem legenda; Um mapa (planeta) que está sendo dividido por linhas imaginárias; Um mapa dividido por regiões; Mapa do mundo com várias rotas de algum transporte.

Vejo as ligações do mundo e percebo que mesmo sem estar perto estamos todos ligados; Os países estão sempre interligados; Mapa das linhas aéreas; Um mundo totalmente conectado; O mundo globalizado; Globalização/Compartilhamento de culturas; Trajetórias de navios pelo mundo; Rotas de transporte.

Bom, de primeira, eu via algo como montanhas de cabeça para baixo ou relacionado à eletricidade, mas depois comecei a ver um mapa geográfico; A luz em

⁵ Imagem presente no subtítulo “As Redes Geográficas”. Fonte: LUCCHI; BRANCO; MENDONÇA, 2013.

cima da África é mais forte e parece se espalhar pelo mundo; Vejo linhas de energia; O planeta coberto por alguns raios de luz sobre ele; Parece caminhos de luz no mundo; Mundo se partindo; Eu vejo o planeta Terra planificado com trovões.

Hospital

As luzes e os trovões vistos por alguns alunos seguiram sendo vistos no hospital, onde os pacientes, sem demorar, respondiam:

Eu vi relâmpago; Eu vi um clarão; Eu vi uma luz brilhando; Eu vi o oceano, é o oceano Atlântico, oceano Pacífico ou Índico esse do Brasil? É o Atlântico. Ah, é, o mesmo lá da Ilha do Mel, já fui lá; É a Terra, É a Terra; Terra; Brasil; Eu tô vendo os meridianos. Aqui os polos achatados da Terra; Tem como tirar foto da Terra? Sim, tem os satélites que ficam girando ao redor da terra e fazem as “fotos”; Raios de Sol; Tem a ver com tecnologia.

Idosos

Aqui, para os idosos, as luzes e trovões vistos pelos alunos e pacientes, transformaram-se em fruta, teia de aranha, chão e coisas estranhas da natureza:

Eu vejo um negócio meio estranho [...]. Talvez algo da Natureza, tem uma parte do mundo aqui (apontando para os continentes), com esses riscos, como eu vou te dizer, talvez sejam vendavais. [...] O que eu vejo é isso: um mapa, com uma parte do Brasil, e aí fora disso aqui você vê esses riscos, com cores estranhas. Parece terremoto, furacão, vendavais, essas coisas estranhas da natureza.

Parece uma teia de aranha, ou um animal talvez? Não sei; Uns morros, umas montanhas com umas pedras. Não sei o que são esses riscos, parece que isso (apontando para os oceanos) é o chão, né?; Eu vejo uma folha verde riscada.

Eu vejo uma fotografia aqui, mas eu não entendo se é uma fruta ou uma pastagem. É meio parecido com umas frutas. É isso que eu vejo. Perguntamos: E onde estariam as frutas? Mais parecido com uma fruta pendurada (apontou para a África); É difícil hein (longa pausa). Me parece uma rede, mas não é... (Duvidando do que via). Perguntamos: O que te faz ver uma rede? Uma rede assim jogada no mar. E por quê? Porque ela tem um jeito de ser rede, acho que jogaram ela assim né (gesticulou como jogar a rede e apontou para os fluxos no Hemisfério Norte);

Meu Deus! (pausa), eu me lembrei de uma coisa de Florianópolis. Uma praia. O morro das Pedras.



Figura 2⁶

Escola

Ao ver a segunda imagem, já tínhamos a outra para comparar. A expressão de dúvida que antes se via agora era substituída por uma sensação de alívio, *Ah! Essas marcas eu conheço:*

O planeta terra e as empresas mais conhecidas; Eu vejo o planeta Terra; Marcas famosas e o planeta Terra; O mundo das marcas; Eu vejo marcas de carros; Multinacionais; As marcas e mercadorias estão em todo o mundo;

Planeta conectado por várias marcas; Eu vejo o planeta Terra envolvido na globalização com várias lojas, várias marcas espalhadas pelo mundo; Globalização, um mundo ligado por grandes marcas; Globalização/ compartilhamento de culturas, informações; Um mundo de propagandas; Eu vejo um mundo capitalista onde as pessoas possuem uma ambição, chamada “dinheiro”; Eu vejo um mundo evoluído, modernizado; Mapa de várias marcas; Um globo com várias marcas de várias coisas (tênis, carro, comida) em volta como se fosse uma proteção; A interface do Windows; Capitalismo mundial; Eu imagino um mundo tecnológico e de robôs que convivem com os humanos no mundo moderno;

Hospital

Aqui, uma frase bastou para dizer da imagem:
São as tecnologias que movem o mundo.

Idosos

⁶ Imagem introdutória do capítulo 2, intitulado “A globalização e seus principais fluxos”. Fonte: SENE; MOREIRA, 2015.

Com os idosos, a feição redonda da imagem se transformou em diversos astros celestes, painel de propaganda e até em uma fala sobre a situação dos trabalhadores:

Parece um painel de propaganda; Eu olho o Sol, eu olho a Lua, que tem uma imagem redonda, mas aqui dentro tem tanta coisa...; Isso aqui é o Globo (pausa). Mas isso tudo é em inglês (apontando para os ícones). Gerdau, essa aqui é nacional. Tem a Sony. Dá a impressão, no meu ponto de vista, que essas são as empresas que vão mandar nesse globo todo. Mas é isso que eu posso te dizer, as empresas que dominam o globo e o coitado do trabalhador brasileiro, americano, inglês, aguentando o repuxo.

Eu vejo tanto brinquedo aqui (pausa). Umas marcas, que para mim é um desenho. Tá escrito dentro, mas a minha cabeça não junta tudo para dizer o que é; Representa o Sol. Representa aqui uma parte do Brasil (apontando para a América do Sul). E o que te faz ver o sol? Porque eu acho que isso aqui é um brilho do sol (a cor amarelada do continente). Meu Deus! Eu não sei, é muito difícil; Parece o sol;

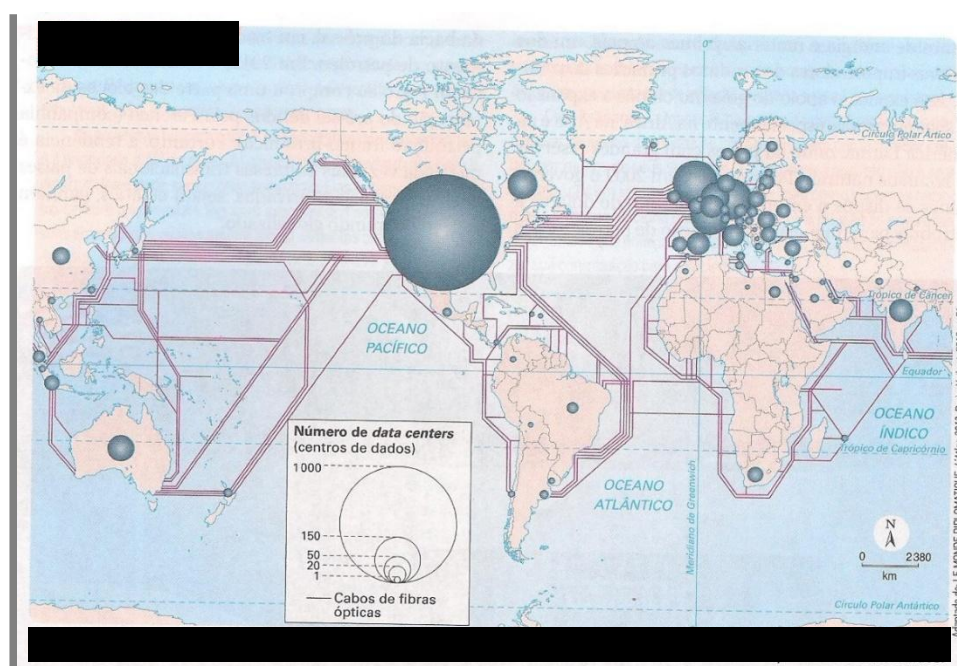


Figura 3⁷

Escola

Aqui novamente as expressões de dúvida. Uns não entenderam, outros começaram por decifrar as feições básicas da imagem, e outros se aventuraram pelo desconhecido.

Não entendo nada; Círculos, linhas e países; O mapa-múndi cheio de bolinhas; Mapa com bolinhas; Bactérias se espalhando pelo mundo; Tecnologia; Eu vejo uma rede de fibra óptica de internet ligada ao mundo; Um mapa do mundo com dados e cabos de fibra óptica; Cabos que ligam os países; Cabos ligados para internet e energia; Os países são ligados pela tecnologia; Dados dos países, ou que os EUA tem o maior centro de dados do mundo, ele é centro; Países se interligando com cabos de fibra óptica; A influência dos EUA sobre o mundo. Identifico que os EUA lidera a

⁷ Primeira imagem presente no subtítulo “Fluxo de informações”. Fonte: SENE; MOREIRA, 2015.

imagem, junto com a Europa; Informação compartilhada mundialmente; O mundo como um quebra cabeça que já foi montado e hoje em dia está separado; Vejo alguns buracos negros atacando a Terra; Eu vejo o mundo como se fosse um computador, como se os continentes fossem ligados uns ao outro por cabos, onde existe também uma “placa mãe”, um país líder, que faz os outros se mexerem;

Hospital

Nesse momento, os internos do HCTP começaram a se cansar e foram logo dizendo: *Posso fazer uma pergunta? Sim. Vocês estão estudando para pegar pessoas para estudar?* E eis que outro participante interrompe, falando:

Esse aqui é o planeta 100, esse é o planeta 50 e aquele o planeta 1. Mas o que são esses números? Acho que são as camadas do planeta; Isso é uma pesquisa que fizeram que fala onde eles tem mais tecnologia, e tu vê os Estados Unidos já mais avançado.

Idosos

As falas, agora, estavam cheias de memórias dos mapas que viam na escola. Também estavam cheias de medo de dizer algo “errado”:

Aqui é o Brasil (apontando para a América do Sul), aqui também eu acho que é o Brasil (apontando para o continente africano); Oceano Pacífico, trópico de Capricórnio. Ah, isso me interessa saber, porque meu signo é Capricórnio (risos). Não sei, aqui fala dos quatro pontos cardeais, mas a gente que tem pouco estudo não pode dizer muito, se eu tivesse estudado poderia te dizer muita coisa dessa imagem, mas como estudei muito pouco e mesmo que tivesse estudado, hoje também não iria lembrar.

Parece a primeira imagem (Figura 1); Isso aqui é um mapa ou os oceanos?; Isso aqui é um mapa. Não é um Mapa do Brasil?; Nos meus olhos é um mapa do Brasil, como nós chamávamos. Aqui é um canto (apontando para um “canto” do mapa), aqui é outro, aqui é um canto de Santa Catarina (apontando para o continente Africano).

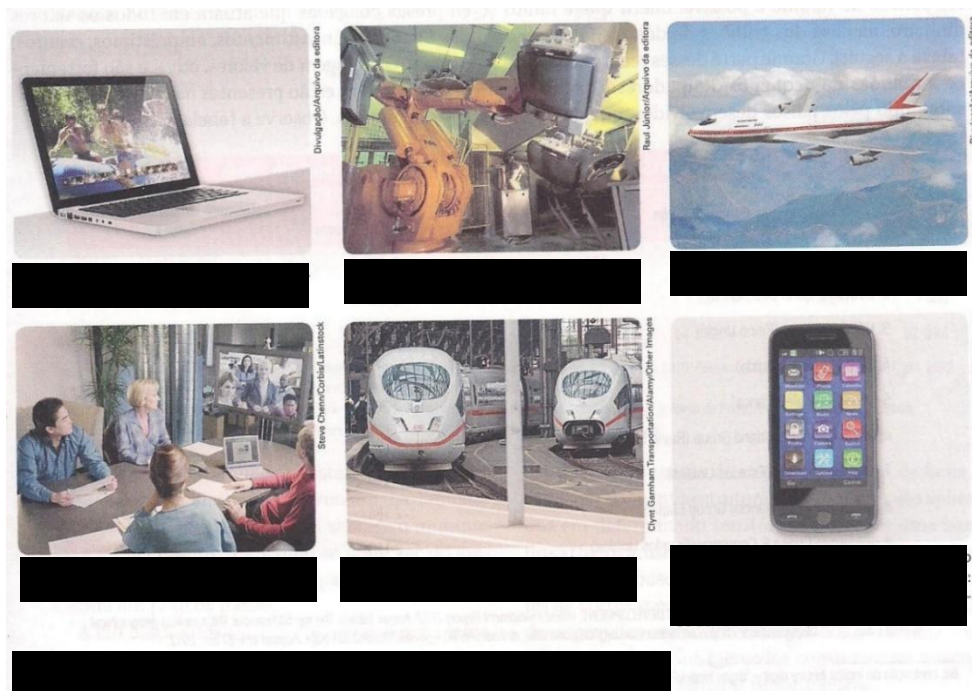


Figura 4⁸

Escola

Com essa imagem a variação das respostas foi pequena, porque depois de tecnologia veio a palavra evolução. Foi preciso pouco tempo para que todos respondessem. Os alunos pareciam cansados:

Tecnologia; Eu vejo tecnologia; Eu vejo um avião, celular, notebook e tecnologia; Celular, notebook, avião, pessoas, trem e máquina; Tecnologia; Tecnologia; As tecnologias usadas pelo homem; Tecnologia avançada; Vejo a evolução das coisas, por exemplo: um braço mecânico sendo usado para fazer coisas que uma pessoa não consegue; A evolução do mundo pela tecnologia; A evolução do ser humano; Evolução; Eu vejo a tecnologia evoluindo a cada ano; Eu vejo um mundo totalmente moderno, movido por máquinas, que é bom por um lado e ruim por outro; Tecnologia que está ligando o mundo; As formas do mundo ficar conectado; Globalização, o que o avanço da tecnologia pode produzir; Eletricidade; Paisagem;

Idosos

Mesmo sendo a última imagem, os idosos estavam animados, ao contrário dos alunos. E nesse momento partilhávamos de uma mesa de café, com comidas e imagens ao mesmo tempo, e uma conversa empolgada. A ideia de evolução permaneceu aqui, mas, além disso, viam-se as mais diversas coisas deste mundo:

São coisas do mundo!; Isso aqui é uma reunião, é isso? Aqui (apontando para o trem), eu ia dizer que era a minha fritadeira, porque é parecida (risos). Aqui é um avião. Aqui tem um celular desse tipo de hoje. Aqui é um jeito de um computador; Eu vejo que tem um fusca (apontando para o trem); Para mim é parecido com uma cidade,

⁸ Imagens que dizem respeito à Revolução Tecnocientífica. Fonte: Geografia Geral e do Brasil: Espaço Geográfico e Globalização (SENE; MOREIRA, 2015).

aqui tem uma casa (apontava para uma das menores imagens), aqui tem outra e aqui é meio parecido com uma rua. Aqui tem quase como um celular, aqui é um avião, aqui quase como uma casa: o sujeito lá sentado olhando para a rua (imagem da reunião por videoconferência). Aqui parece um bicho do mato, quase que como uma aranha (imagem do robô);

Uma Evolução. Nós aqui do interior, que nascemos e vivemos aqui, com a pouca instrução que tivemos não conseguimos acompanhar a evolução grande que houve. A gente fica encantado! Eu estou com 78 anos, mas como será daqui a 15 anos no nosso país, com a evolução que está tendo, violenta? Porque até 30 ou 40 anos atrás, a mudança era muito lenta, a gente acompanhava, a gente via. Agora, nos últimos 20 anos, a evolução foi tão violenta que nós não acompanhamos. Acrescentamos: E toda essa mudança que ocorre nas máquinas e nas indústrias afeta a nossa maneira de viver também. Sim, com certeza. Começa lá pelo desemprego, porque tu sabes que muitas firmas tinham 50 funcionários e aí vem as máquinas modernas e tiram 20 fora. E o que vão fazer esses 20, onde é que vão? Então, para mim, isso complica muito o povo brasileiro, vamos dizer o trabalhador.

Oficineiros também tem seus medos: considerações finais

A oficina, neste caso, funcionou como meio de esgotar tais imagens, retirando-as do lugar marcado, enquadrado, preenchido de referências, em que se encontram. Esses três encontros mostram, de uma maneira geral, que o distanciamento da escola é também um afastamento da moldura. O que pode parecer estranho – a reunião de lugares e pessoas tão distintas – diz de nosso interesse manifesto em trabalhar com as variações em torno de um tema. Acreditamos que esses encontros com realidades diversas também podem produzir variações nos temas que exercitamos nas oficinas.

Apesar do deslocamento das imagens, como se as levassem em viagem a um país desconhecido, percorrendo espaços mais ou menos afastados das molduras, os oficinairos as traziam consigo, carregando muitas referências pessoais para o outro país, pois tinham medo do desconhecido, medo do que poderia acontecer com essas imagens. Assemelhavam-se ao personagem Leary, do filme *O turista acidental* (1988), escritor de guias de viagem que não gostava de viajar, e escrevia livros para que as pessoas, quando em viagem, não se sentissem fora do ambiente doméstico. A cena em que o personagem é abordado por um fã que está sentado ao seu lado, na poltrona do avião, é explicativa nesse sentido: “Eu digo a minha mulher: viajar com *O turista acidental* é como viajar num casulo. Eu ia para Oregon e nem notava que tinha saído de Baltimore.”

O medo do desconhecido estava presente em todas as ocasiões, em maior ou menor grau. Com o grupo de idosos, esse medo era menor, pois lidar com aquela situação era mais um daqueles passeios que realizamos em nossa vizinhança, onde se tem o maior número de referências possíveis. O medo, nessa situação, resumia-se a não querer chegar na questão: “Para que serve isso?”, “Mas o que estás estudando, afinal?”. A preocupação era de parecerem tolos e de estarem fazendo algo que qualquer um pudesse fazer, portanto não exclusivo da universidade. Mas ali os oficinairos sentiam-se, de certa forma, tranquilizados, pois já conheciam seu modo mais lento de pensar e sua vontade de estender a entrevista para uma conversa. Havia um ar de familiaridade naquilo.

Na escola, esse medo era um pouco maior, apesar de habituados a fazer apresentações de seminários na universidade. Procurou-se manter uma linha de raciocínio na apresentação que fosse completamente encadeada, sem espaço para que pensassem que se estava ali fazendo “qualquer coisa.” Na realidade, houve muita fala e

pouca escuta por parte dosicineiros, pois algumas vezes os alunos não se sentiram encorajados a falar. Estavam preocupados em explicar-lhes um conceito de Globalização. Nessa busca de conectar tudo, faltava tempo para pensar sobre como a oficina estava se desenrolando. Às vezes permaneciam falando sem parar em nenhum momento. Obviamente, isso era o medo das risadinhas e olhadas que dariam enquanto falavam, queriam que nesse momento permanecessem em silêncio.

No HCTP, o grau de medo era maior e já antes de realizar oficina, osicineiros acompanharam por um mês a colega que frequenta semanalmente o local⁹. Esse acompanhar tinha o objetivo de entender o modo de pensar dos pacientes internos, de saber o que se poderia falar naquele espaço e como falar. Quando finalmente propuseram o trabalho, procuraram utilizar-se da linguagem deles, usando menos termos acadêmicos e mais vocábulos simples, às vezes até algumas gírias. Entretanto, o grau de previsibilidade era baixíssimo. Na atividade com aquelas imagens, todos falavam quase ao mesmo tempo e tiveram receio de que ao ouvi-los demasiadamente, pudessem perder o encadeamento da fala e deixar de realizar todas as atividades previstas. Não houve saída. Após olhar para as imagens e conversar acerca destas por muito tempo, osicineiros, inquietos por terem consumido muito tempo nessa atividade, decidiram por perguntar-lhes: *Vocês já ouviram falar na palavra Globalização?* Foi quando, com grande surpresa, ouviram:

Já. É quando eles estudam os cometas e quantos planetas tem lá em cima, eu acho que é isso Se eu errei, errei, não tem problema; Globalização é que nem o filme The Wall, do Pink Floyd, aquelas pessoas caindo dentro da máquina de moer e que saíam todas moídas do outro lado, é um tipo de Globalização. É massificação, tá interligando tudo, todas as pessoas. Mas não estão se importando se as pessoas querem ou não querem. Tá tudo interligado. A Globalização veio para interligar todas as coisas do mundo. A internet foi um salto que deu da Globalização. Mas a gente não pode dizer que ela é boa, ou é ruim. Perguntamos a eles se todos têm acesso à internet.

Não. A minha mãe não tem. Mas a maioria tá conectado, e um dia todo mundo vai estar conectado. É porque tem que pagar, o pobre não consegue. Mas como lançamos um satélite agora pouco, logo todos vão ter acesso; Mas o capitalismo não vive sem a miséria, ele tá fazendo um buraco aqui e com a terra que sobra desse lugar ele tampa outro buraco. Precisa de alguém também que mantenha a economia girando, mas necessita de uma quantidade de pobre. Tem uma música do Raul [Seixas] que diz assim: “Gelo em Marte, diz a Viking, mas, no entanto não há galinha em meu quintal”. Quer dizer, pode a viking ir até Marte descobrir se tem gelo e aqui não tem galinha no meu quintal para eu comer.

Sem o uso de referências e contextos, foi possível visualizar diferentes noções da Globalização. Contudo, osicineiros carregavam consigo suas expectativas e seus referenciais, mesmo dizendo o contrário. Na esteira dos escritos de Deleuze, nos avizinhamos mais do cansaço que do esgotamento, o inverso do que ocorrera com as imagens.

Tínhamos a intenção de reunir, pelo menos, dois grupos de respostas: aquelas provenientes dos estudantes, que seriam capturadas no plano representacional-geográfico da própria imagem, respondendo à pergunta feita para a Figura 1, algo como *planeta Terra, Mundo, Continentes*. Este grupo também abarcaria as palavras e vozes capturadas no tema Globalização, pois se esperava que, dada a força que as imagens têm, em razão da repetição, os alunos mencionassem o tema ao responder as perguntas.

⁹ Colega Camila Barbosa do grupo de pesquisa, que há mais de 2 anos desenvolve oficinas de Geografia na Instituição. Para saber a respeito ver o trabalho “Geografias em Deriva” também neste Colóquio.

O outro grupo de respostas seria composto por aquelas dos idosos e dos pacientes internos, que explorariam de outras formas suas potências, pois *fugiriam do tema* implícito. Entretanto, essa expectativa em obter determinados resultados foi frustrada, ao menos em parte, pois isso não se concretizou plenamente.

As imagens, em cada ocasião, esgotavam-se com palavras, com vozes carregadas de memórias daqueles que as viam, vendo si próprios nelas, e na experiência singular de cada participante em captar a energia das imagens e dissipá-las, vendo além daquilo que estava dado. Esse “ver” para além do que há na imagem pode se expressar na visualização de formas as mais diversas, ocorrendo em um instante fugaz, que pode ser disparado por um momento de silêncio ou ainda por um trecho de música lembrado. Algumas vezes, mesmo sem molduras, as imagens encaminhavam para uma mesma resposta. Como se já fosse desnecessário olhar as legendas. Tais legendas estão em nós e fazem funcionar as repetições exaustivas que constroem as imaginações geográficas.

A presença de grupos não escolarizados, ou afastados da instituição escola por muito tempo, fez-nos pensar no que não havia sido pensado sobre as imagens até então, bem como algumas das respostas dadas por aqueles que estão em processo de escolarização também.

A rede foi jogada no mar e o mar é vasto. Pode ser turbulento, calmo, transparente, turvo, tal qual nossas respostas coletadas nos encontros. Cabe, daqui para frente, paradas maiores com cada um deles, porque as diferenças se produzem nos encontros, não estão à nossa espera, prontas, não estão dadas. A pequena colheita é significativa enquanto expressão das variações, como linguagem que pode mais. Pode disparar novos começos de oficinas e aulas de Geografia.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, G. C. Oficina – novos territórios em educação. In: PEY, M. O. **Pedagogia Libertária: experiências hoje**. Rio de Janeiro: Imaginário, 2000.

DELEUZE, G. O Esgotado. Trad. Alexandre de Oliveira Henz. Anexo. In: HENZ, A. de O. **Estéticas do esgotamento: extratos para uma política em Beckett e Deleuze**. 2005. 282 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/esgotadoalexandre.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2017.

EIS os Delírios do Mundo Conectado. Direção de Werner Herzog. Eua: Magnolia Pictures, 2016. (98 min.), son., color. Legendado.

FERRAZ, C. B. O.; NOVAES, I. F. (entre)vista com o professor Dr. Wenceslao Machado de Oliveira Junior: experiências educativas e a relação com as imagens. **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, v. 17, n. 2, p. 183-195. jul.-dez. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/olhases trilhas/article/view/35046>>. Acesso em: 17 set. 2017.

GODOY, A. Mídia, Imagens, Espaço: notas sobre uma poética e uma política como dramatização geográfica. In: CAZETTA, V.; OLIVEIRA JR, W. M. de. (Org.). **Grafias do espaço: Imagens da educação geográfica contemporânea**. Campinas: Alínea, 2013. p. 209-222.

LAROSSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: LAROSSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 15-34.

LUCCI, E. A.; BRANCO, A. L.; MENDONÇA, C. **Território e Sociedade no Mundo Globalizado**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2013. 3v.

OLIVEIRA JR, W. M. de; GIRARDI, G. Diferentes linguagens no ensino de geografia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA, 11., 2011, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFG, 2011. p. 1-9. Disponível em: <<https://poesionline.files.wordpress.com/2015/02/oliveirajrgirardi-20111.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

OLIVEIRA JR, W. M. de. A escuta das imagens. **Revista Linha Mestra**, Campinas, n. 29, p. 9-11, maio-ago. 2016. Disponível em: <https://linhamestra29.files.wordpress.com/2016/10/02_a_escuta_das_imagens_wenceslao_machado_de_oliveira_jr.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2017.

O TURISTA acidental. Direção de Lawrence Kasdan. Eua: Warner Bros, 1988. (121 min.), son., color. Legendado.

SENE, E. de; MOREIRA, J. C. **Geografia Geral e do Brasil: Espaço Geográfico e Globalização**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2015. 3 v.